

A Análise Textual dos Discursos: entre Gramáticas de Texto e Análise do Discurso ¹

Jean-Michel Adam¹ (UNIL)

Tradução de Michelle Valois (UFPE) e Dóris de Arruda C. da Cunha (UFPE)

Resumo:

Este histórico situa a análise textual na relação com a linguística textual, a linguística transfrástica e a análise do discurso, para responder à seguinte questão: a análise do discurso, a análise da conversação e a análise textual são disciplinas ou correntes disciplinares diferentes, ou podem ser situadas no mesmo campo, pelo menos epistemologicamente?

Palavras-chave: análise textual, linguística textual, linguística transfrástica, análise do discurso

Résumé: Cet historique situe l'analyse textuelle par rapport à la linguistique textuelle, à la linguistique transphrastique et à l'analyse de discours pour répondre à la question suivante : l'analyse de discours, l'analyse conversationnelle et l'analyse textuelle sont-elles des disciplines ou des courants disciplinares différents ou peuvent-elles être placées dans le même champ, du moins épistémologiquement?

Mots-clés : analyse textuelle, linguistique textuelle, linguistique transphrastique, analyse du discours

Os organizadores do colóquio fizeram uma pergunta muito clara aos participantes desta mesa-redonda: a análise do discurso, a análise conversacional e a análise textual – aqui representadas por Dominique Maingueneau, Catherine Kerbrat-Orecchioni e por mim mesmo – são disciplinas ou correntes disciplinares diferentes ou podem ser colocadas no mesmo campo, pelo menos epistemologicamente? Este histórico situa a análise textual em relação à linguística textual, à linguística transfrástica e à análise do discurso.

A tarefa que me foi atribuída é de representar a disciplina designada como “análise textual” (ao lado da análise do discurso e da análise conversacional). Diferentemente de

¹ Conferência realizada durante a Jornada em homenagem a Patrick Charaudeau : “A análise do discurso nas ciências da linguagem e da comunicação”, Lyon II, 4 de junho de 2010.

Catherine Kerbrat-Orecchioni, que não se reconhece no sintagma “análise conversacional”, eu assumo o sintagma “**análise textual**”, associando-o ao campo da *linguística textual*. Confrontarei, então, o uso que faço da denominação “análise textual” ao que outros dela fazem ou fizeram. Explicitarei, em seguida, por que falo de *análise textual dos discursos*, aproximando a *linguística textual* da *análise do discurso* (doravante LT e AD, respectivamente). Estas duas disciplinas têm origens diferentes, mas contemporâneas (ambas surgidas nos anos 1950), e autores e textos de referência : Zellig S. Harris e Michel Pêcheux para a AD, Eugenio Coseriu e Harald Weinrich para a LT.

1. As “análises textuais”: entre semiologia, semiótica, LT e AD

O sintagma “análise textual” (doravante AT) foi utilizado por autores bastante diferentes, inclusive como título de vários artigos e livros.

1.1. Roland Barthes opôs a AT à análise estrutural no estudo de um texto bíblico: “*La lutte avec l’ange : analyse textuelle de Genèse 32, 23-33*”² (*Oeuvres complètes* IV, Seuil, 2002 (1972) , p. 157-169) e de um conto de Edgar Poe : “ *Analyse textuelle d’un conte d’Edgar Poe* ” (id. 2002 (1973), p. 413-442)³. Esta segunda análise foi publicada numa das primeiras obras de língua francesa a abrirem espaço à LT : *Sémiotique narrative et textuelle*, editada por Claude Chabrol (Larousse, coll. L, 1973)⁴. A incursão de Barthes pela AT se situa exatamente no final de sua fase discursiva e benvenistiana (ver a esse respeito “*La linguistique du discours*”⁵, *Oeuvres complètes* III, Seuil, 2002 (1970), p. 611-616) e imediatamente antes de sua passagem para a “semiologia negativa” e a desconstrução.

1.2 Um ano antes, o termo “análise textual” aparece nos anais de um colóquio realizado em Toronto, que resultou em um interessante livro bilíngue coorganizado por Pierre R. Léon, Henri Miterrand, Peter Nesselroth e Pierre Robert : *Problèmes de l’analyse textuelle/Problems of textual analysis* (Montréal-Paris-Bruxelles: Didier, 1971). Esta obra bastante heterogênea era marcada por uma vontade de fixar a “Nova crítica” na América do Norte, e reunia, em torno da análise de textos literários, pesquisadores tão diversos

²N.T.: “A luta com o anjo : análise textual de Gênesis 32, 23-33”(Sempre que possível, o leitor será remetido à edição em português da obra citada. Nos demais casos, é de nossa responsabilidade a tradução dos títulos referidos).

³ N.T.: BARTHES, Roland. “Análise textual de um conto de Edgar Poe”. In: CHABROL, Claude (org.). **Semiótica narrativa e textual**. São Paulo : Editora Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 36-62.

⁴ N.T.: CHABROL, Claude (org.). **Semiótica narrativa e textual**. São Paulo : Editora Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

⁵ N.T.: “A linguística do discurso”.

quanto Samuel Levin, Pierre Guiraud, Paul Bouissac, Jean-Claude Chevalier, Michael Riffaterre, Serge Doubrovshy, Lubomir Dolezel, Gérard Genette e outros, entre os quais Marshall McLuhan. O volume é representativo de um período dominado pelo paradigma da gramática gerativa e transformacional. Vários autores falam da *frase literária* e de suas transformações. Jean-Claude Chevalier é um dos raros a se contrapor aos demais, com a concepção saussuriana e benvenistiana da frase, e a mencionar a posição do Barthes de 1970 bem como a da translinguística de Benveniste.

1.3. Um livro lançado em 1976 pela Larousse na coleção “*Langue et langage*”, escrito por Robert Lafont e Françoise Gardès-Madray, tem por título *Introduction à l’analyse textuelle*⁶. Essa AT praxemática⁷ está muito próxima da AD. Pelo menos, é o que dizem a esse respeito os autores do dicionário da praxemática : *Termes et concepts pour l’analyse du discours. Une approche praxématique*⁸ (Catherine Détrie, Paul Siblot & Bertrand Vérine, Champion, 2001). Embora os autores se precipitem um pouco ao afirmarem que Lafont e Gardès-Madray “cunharam a expressão” e que a AT praxemática é a precursora da LT, a posição que assumem merece ser citada:

A análise textual, metodologia proposta pela praxemática, que cunhou a expressão [...], busca dar conta da especificidade dos diversos discursos. Ela prefigurou as linguísticas textuais e discursivas, que conhecem hoje um desenvolvimento considerável. Trata-se de uma análise dinâmica dos funcionamentos discursivos, a partir de fenômenos como o fechamento dos discursos, seus gêneros e tipos, suas marcas enunciativas, as categorizações referenciais construídas, articuladas à situação de comunicação, ao cotexto, ao contexto etc. Nesse aspecto, a análise textual participa daquilo que se identifica habitualmente como *análise do discurso*. Efetivamente, ambas adotam *corpora* vastos e variados de discursos autênticos, remetem estes últimos às suas condições sócio-históricas de produção e circulação, desvelam sua ideologia subjacente. A análise textual ultrapassa, no entanto, a análise do discurso na medida em que sua ambição é não somente descrever os discursos através dos meios linguísticos ou paralinguísticos mobilizados, mas também de construir uma compreensão da própria produção de sentido, ou seja, das operações necessárias à realização do sentido produzido (DETRIE ; SIBLOT ; VERINE, 2001, p.8).

Esta forma de AT vai ao encontro da AD que eu mesmo preconizo.

⁶ N.T.: Introdução à análise textual.

⁷ N.T.: “A praxemática pretende ser um modelo dinâmico da produção do sentido que leve em conta a tensão entre a pulsão comunicativa dos sujeitos e a estabilização de um sentido social”. (BRANCA-ROSTOFF In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (orgs.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006, p.398.

⁸ N.T.: Termos e conceitos para a análise do discurso. Uma abordagem praxemática.

1.4. Em *La production du texte*, em 1979 (Seuil)⁹, Michael Riffaterre opunha a AT à estilística e retórica normativas e à poética que ele julgava demasiadamente generalizante: “O texto é [sempre] único em seu gênero” (RIFFATERRE, 1979, p.8), dizia, e a AT “busca explicar o único” (id.)¹⁰. Infelizmente as propostas de Riffaterre não conseguiram suplantar a estilística, cujo atual renascimento na França não deixa de me espantar.

1.5. A “*Textanalyse*” é, na verdade, um campo consolidado da LT alemã. Penso nos livros de Heinrich F. Plett: *Textwissenschaft und Textanalyse: Semiotik, Linguistik, Rhetorik* (Heidelberg: Quelle & Meyer, UTB, 1975) e de Michael Titzmann: *Strukturelle Textanalyse* (München: Fink, UTB, 1977). Esse tipo de trabalho tornou-se acessível em língua francesa graças à linguista dinamarquesa Lita Lundquist. Com o lançamento de *L’analyse textuelle. Méthodes, exercices*¹¹, em 1983 (CEDIC), ela transforma em manual o conteúdo de sua tese de 1980, que permanece uma obra de referência em língua francesa: *La cohérence textuelle: syntaxe, sémantique, pragmatique*¹² (Copenhague: Nyt Nordisk Forlag Arnold Busck, 1980). Para Lundquist, a AT tem origem no desenvolvimento recente das linguísticas do texto e do discurso:

Na zona intermediária entre *linguística e análise literária*, desenvolve-se, há algumas décadas, uma nova disciplina da ciência linguística, denominada *linguística textual* ou *linguística do discurso*, que, a exemplo da antiga estilística, mas numa ótica antes descritiva e crítica do que normativa, estuda as diferentes estruturas de um texto, estético ou não, em suas relações com as estruturas sociais do seu entorno (LUNDQUIST, 1983, p. 9).

Nesse meio tempo, em 1981, Teun A. van Dijk também havia falado de AT num capítulo de *Théorie de la littérature*, organizado por Aaron Kibédi Varga: “*Le texte: structures et fonctions. Introduction élémentaire à la science du texte*” (Picard, 1981, p. 63-93)¹³. Aludindo ao livro de Titzmann (1977), van Dijk fixa os princípios gerais da AT (DIJK van, In: VARGA, 1981, p.64-66)¹⁴. Ele insiste no fato de que a AT é ao mesmo tempo *teórica* (definindo propriedades que todo texto, em geral, deve apresentar) e *descritiva* (operando a partir de um único texto ou de um *corpus* definido de textos). Ele acrescenta uma dimensão *aplicativa* ao quadro de estruturas de formação, criando assim uma ponte para a Análise crítica do discurso: “A ciência do texto, tal como qualquer outra ciência, não é – ou não é

⁹ N.T.: RIFFATERRE, Michael. **A produção do texto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 4.

¹⁰ N.T.: Id., 1989, p. 4.

¹¹ N.T.: A análise textual. Métodos, exercícios.

¹² N.T.: A coerência textual: sintaxe, semântica, pragmática.

¹³ DIJK, Teun A. van. “O texto: estruturas e funções. Introdução elementar à ciência do texto”. In: VARGA, Aaron Kibédi (org). **Teoria da Literatura**. Lisboa: Presença, 1981, p. 65-96.

¹⁴ Id., 1981, p. 66-68.

apenas - uma 'arte', é também uma necessidade social” (DIJK van, 1981, p. 65)¹⁵. Assim como Lita Lundquist propunha uma componente pragmática complementar às componentes sintática e semântica, T. A. van Dijk articula análise textual e contextual: “Os textos são sempre utilizados num contexto particular: a análise e a compreensão do texto exigem, por isso, a análise e a compreensão simultâneas do contexto” (1981, p. 65)¹⁶. Constata-se o quanto ele se aproxima assim da AD.

A partir do momento em que o texto é definido como uma “ocorrência comunicacional”, como fazem Robert de Beaugrande e Wolfgang U. Dressler em *Introduction to Text Linguistics* (London-New York: Longman, 1981), a LT pode aparecer como uma **pragmática textual**, termo que eu mesmo empreguei entre 1989 e 1995. Mas, observando o que se tornou a “pragmática do discurso”, pragmática postulada como não-linguística por Jacques Moeschler, constata-se que, em relação às pragmáticas textuais alemãs, o retrocesso é notável e lamentável. Creio, como Rainer Warning, que “Uma teoria pragmática do texto que não se contente em simplesmente se arrogar tal nome [tem] por objeto [...] tipos de discurso institucionalizados”(WARNING, 1979, p.325). “Tipos de discurso institucionalizados”, isto é, gêneros de discurso cuja determinação pela história deve ser levada em conta via interdiscursividade.

1.6. O manual de Jean-François Jeandillou, intitulado *L'analyse textuelle* (A. Colin, 1997) se apresenta como uma síntese de noções procedentes da poética, da semiótica literária e da gramática de texto. A obra não propõe uma teoria unificada original, mas traça as grandes linhas de uma abordagem francamente eclética. Em oposição a esse tipo de manual - pouco diferente, aliás, das obras de estilística atuais - penso que, se bem os textos literários sejam objetos empíricos tão complexos que sua descrição poderia justificar o recurso a teorias diferentes, é de uma teoria desses objetos e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral que precisamos se esperamos conferir uma estrutura e uma indispensável coerência aos eventuais empréstimos de conceitos tomados a diferentes ciências da linguagem.

2. A Análise Textual dos Discursos: entre linguística textual e gramática de texto

¹⁵ N.T.: DIJK, Teun A. van. “O texto: estruturas e funções. Introdução elementar à ciência do texto”. In : VARGA, Aaron Kibédi (org.). **Teoria da Literatura**. Lisboa : Presença, 1981, p. 67.

¹⁶ N.T.: Id., 1981, p. 67.

A história da LT é tão recente quanto a da AD, já que o próprio termo “linguística textual” foi introduzido pela primeira vez em meados dos anos 1950 por Eugenio Coseriu, num artigo escrito em espanhol: “Determinación y entorno. De los problemas de una lingüística del hablar” (Romanistisches Jahrbuch 7, Berlin, 1955-56, p. 29-54; retomado em Teoría del lenguaje y lingüística general, Madrid: Gredos, 1973, p. 282-323)¹⁷. Dez anos mais tarde, em 1969, Harald Weinrich introduz o termo *Textlinguistik* num estudo sobre a sintaxe dos artigos em alemão: “Textlinguistik: Zur Syntax des Artikels in der Deutschen Sprache” (Jahrbuch für Internationale Germanistik 1, Berne/Frankfort, 1969, p. 61-74). Weinrich será, em seguida, o primeiro titular da cátedra europeia do Collège de France, em 1990, e, nessa ocasião, ministrará um dos primeiros cursos de LT na França.

Explico, nas primeiras páginas de *Linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*¹⁸, que adoto a distinção estabelecida por Eugenio Coseriu entre “gramática transoracional” (gramática transfrástica) e “lingüística del texto” (LT)¹⁹. Coseriu considera muito justamente a gramática transfrástica como “uma ciência auxiliar indispensável à linguística do texto” (COSERIU, 2007, p.322). Prolongamento da sintaxe da frase e da gramática de uma determinada língua (COSERIU, 2007, p.395), essa gramática transfrástica não pode pretender ser uma ciência do texto em geral, pois, diz ele, diferentemente da LT, ela não tem por objeto nem o estudo do “texto como organização supraidiomática dos atos linguísticos” (COSERIU, 2007, p. 321), nem a descrição “das classes de textos e gêneros como a narrativa, o relato, a história engraçada, a ode, o drama, a novela” (COSERIU, 2007, p. 321-322). Coseriu aponta outra diferença que justifica plenamente o recurso à AT: “Sendo o texto algo de individual [...], a linguística do texto difere tanto da linguística em geral quanto da outra forma de ‘linguística do texto’, isto é, a *gramática transfrástica*” (COSERIU, 2007, p. 300-301).

Parece-me útil, com efeito, distinguir a *Linguística transfrástica* da *Linguística textual* e da *Análise textual*. Assim se explicam as posições atuais de meus colegas e amigos Michel Charolles e Bernard Combettes: um e outro abandonaram as ambições da

¹⁷ COSERIU, Eugenio. “Determinação e entorno: dois problemas da linguística do falar ». In: _____. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro : Presença ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 209-238.

¹⁸ ADAM, Jean-Michel. **La linguistique textuelle**. Introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris : A. Colin, 2008 ; nova edição em francês prevista para 2011. (N.T. : Em português : ADAM, Jean-Michel. **Linguística textual** : introdução à análise textual dos discursos, São Paulo : Cortez, 2008).

¹⁹ COSERIU, Eugenio (1980). **Textlinguistik** : Eine Einführung. Tübingen-Basel: Francke, 1994 ; COSERIU, Eugenio. **Lingüística del texto**. Introducción a la hermenéutica del sentido, edição e notas de Oscar Loureda Lamas, Madrid : Arco/Libros, 2007.

LT (e mais ainda da AT) para se concentrarem em fatos linguísticos atinentes ao domínio do transfrástico. Isto está claro em seus livros mais recentes, publicados pela Ophrys²⁰.

A LT deve levar em conta e mesmo participar do desenvolvimento de programas de pesquisa no domínio da linguística transfrástica, como as teorias locais dos conectores, anáforas, tempos verbais, “*cadratifs*”²¹ e outras formas de modalização autonímica, da posição dos adjetivos, das relativas, das “construções destacadas”²² etc., em línguas particulares. Era esse o espírito do colóquio realizado em Dijon em 2002 e que se tornou um livro em homenagem a Magid Ali Bouacha : *Texte et discours : catégories pour l’analyse*²³, obra que reuniu especialistas do texto e do discurso envolvidos tanto no domínio do transfrástico (George Kleiber, Bernard Combettes, Alain Rabatel etc.) quanto no da teoria do discurso, de seus gêneros e de sua interpretação (Antonia Coutinho, Sophie Moirand, Dominique Maingueneau, Frédéric Cossutta etc.).

Nos anos 1990, a LT e a gramática de texto foram se impondo progressivamente na França, como mostra a *Grammaire méthodique du français*²⁴ de Martin Riegel, Jean-Christophe Pellat e Renée Rioul. Penso no último capítulo, que, das modestas vinte páginas de “A estruturação do texto” (RIEGEL; PELLAT; RIOUL, 1994, p. 603-623), na edição de 1994, passa, na última edição, a quarenta e sete páginas e tem o título significativamente modificado : “Texto e discurso” (RIEGEL; PELLAT; RIOUL, 2009, p.1017-1064). Penso também no último capítulo do manual de introdução à linguística de Olivier Soutet : *Linguistique* (SOUTET, 1995; 2005, p.323-346). Lembro, por fim, um outro exemplo de manual que consolida o paradigma – os *Éléments de linguistique pour le texte littéraire* (Bordas, 1986), de Dominique Maingueneau²⁵. As edições seguintes (1990, 1993), até a quarta edição do que se tornou *Linguistique pour le texte littéraire* (Nathan, 2003), são marcadas pelo acréscimo de um longo capítulo 7 : “A coerência do texto ” (páginas 175-224), seção novamente desenvolvida no recente *Manuel de linguistique pour les textes littéraires*²⁶ (A. Colin, 2010, capítulos 11 e 12, páginas 220-298). Esses dois exemplos põem em relação as

²⁰ COMBETTES, Bernard. **Les constructions détachées en français** [As construções destacadas em francês]. Paris : Ophrys, 1998 ; CHAROLLES, Michel. **La référence et les expressions référentielles en français**. [A referência e as expressões referenciais em francês]. Paris : Ophrys, 2002.

²¹ N.T.: “ o que Michel Charolles chama *cadratif*, isto é [...] uma expressão mais ou menos desenvolvida que enquadra, que indexa uma ou várias proposições subsequentes.” MELLETT, Sylvie. *Réflexions énonciatives autour de maintenant argumentatif* [Reflexões enunciativas em torno do *agora* argumentativo]. In : **Ici et maintenant**. VUILLAUME, Marcel (org.) Amsterdam : Rodopi, 2008.

²² N.T.: Equivalentes, *grosso modo*, ao que chamamos “aposto”, as construções destacadas são componentes de posição livre, sintaticamente separados da frase (por vírgula, na escrita, e pausa, na oralidade) e que a ela acrescentam uma “predicação segunda”, suplementar. Cf. COMBETTES, Bernard. **Les constructions détachées en français**. Paris : Ophrys, 1998.

²³ ADAM J.-Michel, GRIZE Jean.-Blaise., BOUACHA, Magid Ali (orgs.). **Texte et discours : catégories pour l’analyse** [Texto e discurso : categorias para a análise]. Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 2004.

²⁴ N.T. : Gramática metódica do francês.

²⁵ N.T.: MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de Linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

²⁶ N.T.: Linguística para o texto literário; Manual de linguística para os textos literários.

questões de textualidade e o discurso (explicitamente no título do capítulo da *Grammaire méthodique*, implicitamente na escolha do termo “coerência” em Maingueneau). Poderíamos citar ainda o livro de Marie-Anne Paveau e Georges-Elia Sarfati : *Les grandes théories de la linguistique*²⁷ que situa a LT, e em particular meus trabalhos, entre as “linguísticas discursivas” (PAVEAU; SARFATI, 2003, p. 184-194).

A LT, na minha concepção, tem por tarefa incorporar as aquisições dos trabalhos de linguística transfrástica numa teoria dos agenciamentos de enunciados/frases nos textos. O essencial dos meus trabalhos dos anos 1980 dizia respeito ao fato de que não se pode fazer modelos gerativos de texto dos modelos gerativos de frases. T.A. van Dijk diz isso claramente: “A diferença das gramáticas da frase é que as derivações não terminam em frases simples ou complexas, mas em n-tuplos ordenados de frases, isto é, em sequências” (DIJK van, In: PETÖFI; RIESER, 1973, p.19).²⁸

Em outras palavras, não basta substituir o núcleo F [frase] por T [texto] para obter um modelo de distribuição que permita definir T como “n-tuplos ordenados de frases”. Como diz Olivier Soutet, “A relação do todo à parte não implica o mesmo tipo de previsibilidade que o da relação entre cada uma das unidades subfrásticas e seus constituintes imediatos” (SOUTET, 2005, p.325). O fato de não se poder decompor o texto em frases aplicando-lhe os mesmos procedimentos usados para a frase, o sintagma, o signo e o morfema impõe uma mudança de quadro teórico. A frase enunciada tem a propriedade de poder entrar em relação de *coesão* e de *progressão* com outras frases. Essa tensão interna define a textualidade. Os n-tuplos de frases não são dispostos linearmente, mas constituem objeto de agrupamentos de vários tipos. É necessário, então, teorizar linguisticamente fatores de agrupamento de orações em subunidades textuais. A questão do alcance é uma das teorizações desses fenômenos semânticos, enunciativos e macrossintáticos. A questão da estruturação em períodos no texto é outra; não desenvolvo esse ponto, mas sublinho somente que reintroduzo, com o *período*, uma antiga noção utilizada na arte oratória e que apresenta a vantagem de situar-se entre escrituração e oralidade, de congregar natureza gramatical e/ou rítmica. Se eu defino como não categorizáveis em tipos os agrupamentos de orações em períodos, entendo que os tipos são aplicáveis às sequências (narrativas, descritivas, explicativas, argumentativas e dialogais) enquanto agrupamentos ordenados de conjuntos de orações. Em suma, entre os níveis mais elementares e os mais complexos do texto, o papel da LT é de explorar e de teorizar

²⁷ N.T.: PAVEAU, Anne-Marie ; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da Linguística**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

²⁸ N.T.: A citação foi traduzida para o francês pelo autor.

níveis intermediários de estruturação, especialmente com o nível dos *planos de textos*, facultativos e mais ou menos flexíveis em função das determinações do gênero.

3. A análise textual dos discursos: entre LT e AD

Associo a análise textual dos discursos (doravante ATD) ao campo da LT e ao da AD através da questão central dos gêneros de discurso. Meus trabalhos visam a reintegrar as teorias do texto às teorias do discurso. Coseriu define aquilo que chama o nível dos *textos* (em relação aos níveis da *linguagem* e das *línguas*) com uma definição parafrástica que convém tomar ao pé da letra: “série de *atos linguísticos* conexos realizados por um locutor concreto, numa situação concreta, que, naturalmente, pode se realizar na forma falada ou escrita” (COSERIU, 2007, p.86). Ainda que tenha por objeto “o nível individual do linguístico” - o nível da “fala” ou da “língua discursiva” de Saussure e, portanto, a AT enquanto estudo do singular - , a LT investiga ainda o que têm em comum os diferentes textos, e mesmo todos os textos. Daí a necessária atenção às “classes de textos” (gêneros de discurso, gêneros de texto, tipos de texto), questões comuns à AD e à LT. Definindo aquilo que funda a autonomia do nível textual e, portanto, da LT, Coseriu acrescenta: “[...] Só o fato de existir uma classe de conteúdo que é propriamente um conteúdo textual, ou conteúdo dado *através* dos textos, justifica a autonomia do nível textual” (COSERIU, 2007, p.156). É por essa razão que a LT referida por ele como “verdadeira” ou “no sentido próprio” é uma “*linguística do sentido*” (COSERIU, 2007, p.156). Essa posição é bem próxima daquela formulada por Michael A. K. Halliday e Ruqaiya Hasan em *Cohesion in English* (London-NY: Longman, 1976) :

Um texto [...] não é um mero encadeamento de frases [*string of sentences*], [...] Um texto não deve absolutamente ser visto como uma unidade gramatical, mas como uma unidade de outra natureza: uma unidade semântica. Sua unidade é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que exprime o fato de que, formando um todo [*as a whole*], ele está ligado ao seu entorno (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 293).²⁹

Para explicar por que insisto em inscrever meus trabalhos na LT e em desenvolver uma ATD, direi que os pesquisadores das ciências humanas e sociais não levam suficientemente a sério o “materialmente observável”, isto é, os detalhes semiolinguísticos das formas-sentido mediadoras dos discursos. Somos inclusive vários a falar em déficit filológico das disciplinas do discurso. Quando Michel Foucault escreve, em *L'archéologie du savoir* :

²⁹ N.T. : Novamente, traduzimos a partir da citação já vertida para o francês pelo autor.

“Mas não se trata, aqui, de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria” (FOUCAULT, 1969, p.65)³⁰,

ele enuncia um importante programa de trabalho. A primeira “consistência” e “complexidade própria” dos discursos me parece ser aquela relativa à sua natureza de texto. Os textos são construções editoriais históricas, linguísticas. Ora, a AD não abordou “o texto enquanto tal”, como lhe reprova Georges-Elia Sarfati em seu pequeno ensaio sobre a AD: “Dada a primazia conferida ao estudo das condições de produção dos textos, a AD não fez uma reflexão específica sobre o estatuto do texto, menos ainda uma teoria específica do texto – teoria que teria sido congruente com suas problemáticas” (SARFATI, 2003, p.432).

É por essa razão que pesquisei, desde os anos 1970, modelos teóricos na semiótica da narrativa e na poética, nas teorias da narrativa e da descrição desenvolvidas pelos estudiosos da literatura e da semiótica, na semiologia de Jean-Blaise Grize e Marie-Jeanne Borel (da Universidade de Neuchâtel) no que concerne à argumentação e à explicação, nas teorias da análise da conversação no que tange às formas de textualização do diálogo e do discurso reportado, e sobretudo na *Textlinguistik* alemã dos anos 1960-1970 e na *Textpragmatik* dos anos 1980. É por não ter encontrado senão raras análises de textos considerados em sua realidade material, pouquíssimos questionamentos sobre o estabelecimento de textos integrando o *corpus* de análise e poucos estudos que levassem em conta a variação desses textos (passagem do oral ao escrito, formas sucessivas de edição e reescritura), que eu tenho reafirmado a necessidade da presença de uma LT e da AT dentro da AD.

Compreendo que os analistas do discurso não tenham um interesse excepcional pela questão – decisiva, no entanto - da *organização sequencial* dos textos, organização inseparável da *organização reticular* que os analistas do discurso descrevem por meios estatísticos. Trata-se de dois princípios tão complementares quanto *repetição* e *progressão*, *ligação* e *segmentação*. Penso que a LT tem ainda outra tarefa : a de teorizar as fronteiras peritextuais ao mesmo tempo integradas e situadas na fronteira da unidade texto. A LT deve também teorizar as relações entre cotextos inseridos numa organização (macro)textual agrupando um certo número de textos : compilações de contos ou poemas³¹,

³⁰ N.T: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Forense Universitária : Rio de Janeiro, 1987, p. 54.

³¹ Questão desenvolvida em ADAM, J.-M. & HEIDMANN, U. : **Le texte littéraire** [O texto literário]. Louvain-la-Neuve : Academia Bruylant, 2009 e **Textualité et intertextualité des contes** [Textualidade e intertextualidade dos contos]. Paris : Classiques Garnier, 2010.

hiperestruturas das páginas de revistas ou de jornais, manuais e enciclopédias, que difratam artigos em várias subunidades, subunidades essas que constituem também cotextos.³²

Referências bibliográficas

- ADAM, Jean-Michel. *La linguistique textuelle*. Introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris : A. Colin, 2008.
- _____. *Linguística textual* : introdução à análise textual dos discursos. São Paulo : Cortez, 2008.
- ADAM, Jean-Michel ; GRIZE Jean.-Blaise. ; BOUACHA, Magid Ali (orgs.). *Texte et discours*: catégories pour l'analyse. Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 2004.
- ADAM, J.-M. ; LUGRIN, Gilles. “L'hyperstructure : un mode privilégié de présentation des événements scientifiques” In : CUSIN-BERCHE, Fabienne (org.). *Rencontres discursives entre science et politique. Cahiers du CEDISCOR n°6*. Paris : Presses de la Sorbonne nouvelle, 2000. p. 133-149.
- _____. “Effacement énonciatif et diffraction co-textuelle de la prise en charge énonciative dans les hyperstructures journalistiques”. In : RABATEL, Alain ; CHAUVIN-VILENO, Andrée (orgs.). *Semen 22*. Besançon : P.U. de Franche-Comté, 2006. p. 127-144.
- ADAM, J.-M. ; HEIDMANN, Ute. *Le texte littéraire*. Louvain-la-Neuve : Academia Bruylant, 2009.
- _____. *Textualité et intertextualité des contes*. Paris : Classiques Garnier, 2010
- BARTHES, Roland. “Análise textual de um conto de Edgar Poe”. In: CHABROL, C. (org.). *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo : Editora Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 36-62.
- _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Seuil, 2002.
- BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to Text Linguistics*. London-New York: Longman, 1981.
- BRANCA-ROSTOFF In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (orgs.). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006. p.398.

³² Questão discutida em ADAM, J.-M. & LUGRIN, G. : “L'hyperstructure : un mode privilégié de présentation des événements scientifiques” [A hiperestrutura : um modo privilegiado de apresentação dos eventos científicos] (In : CUSIN-BERCHE, F. [org.] *Rencontres discursives entre science et politique, Cahiers du CEDISCOR n°6*, Paris : Presses de la Sorbonne nouvelle, 2000. p.133-149) e “Effacement énonciatif et diffraction co-textuelle de la prise en charge énonciative dans les hyperstructures journalistiques” [Apagamento enunciativo e difração cotextual da responsabilidade enunciativa nas hiperestruturas jornalísticas] (In : RABATEL, A. ; CHAUVIN-VILENO, A. (orgs.) *Semen 22*, Besançon : P.U. de Franche-Comté, 2006. p.127-144).

- CHABROL, C. (org.). *Sémiotique narrative et textuelle*. Paris: Larousse, 1973.
- _____. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo : Editora Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- CHAROLLES, Michel. *La référence et les expressions référentielles en français*. Paris : Ophrys, 2002.
- COMBETTES, Bernard. *Les constructions détachées en français*. Paris : Ophrys, 1998.
- COSERIU, Eugenio. “ Determinación y entorno. De los problemas de una lingüística del hablar ”. *Romanistisches Jahrbuch* 7, Berlin, p. 29-54, 1955-56.
- _____. “ Determinación y entorno. De los problemas de una lingüística del hablar ”. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1973. p. 282-323.
- _____. “Determinação e entorno: dois problemas da linguística do falar ». In: _____. *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro : Presença . São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 209-238.
- _____. (1980). *Textlinguistik : Eine Einführung*. Tübingen-Basel: Francke, 1994.
- _____. *Lingüística del texto*. Introducción a la hermenéutica del sentido. Madrid : Arco/Libros, 2007.
- DETRIE, Catherine ; SIBLOT, Paul ; VERINE, Bertrand (orgs.). *Termes et concepts pour l'analyse du discours : une approche praxématique*. Paris : Champion, 2001.
- DIJK, Teun A. van. “ Text Grammar and Text Logic” In: PETÖFI, János S.; RIESER, Hannes (orgs.). *Studies in Text Grammar*. Dordrecht: Reidel, 1973.
- _____. “Le texte : structures et fonctions. Introduction élémentaire à la science du texte ”. In : VARGA, Aaron Kibédi (org.) *Théorie de la littérature*. Paris : Picard, 1981. p. 63-93.
- _____. “O texto: estruturas e funções. Introdução elementar à ciência do texto”. In : VARGA, Aaron Kibédi (org.) *Teoria da Literatura*. Lisboa : Presença, 1981. p. 65-96.
- FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- _____. *Arqueologia do saber*. Forense Universitária : Rio de Janeiro, 1987.
- HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London-NY: Longman, 1976.
- JEANDILLOU, Jean-François. *L'analyse textuelle*. Paris: A. Colin, 1997.
- LAFONT, Robert ; GARDÈS-MADRAY, Françoise. *Introduction à l'analyse textuelle*. Paris : Larousse, 1976.

- LÉON, Pierre R. et al. *Problèmes de l'analyse textuelle/Problems of textual analysis*. Montréal-Paris-Bruxelles: Didier, 1971.
- LUNDQUIST, Lita. *La cohérence textuelle : syntaxe, sémantique, pragmatique*. Copenhague: Nyt Nordisk Forlag Arnold Busck, 1980.
- _____. *L'analyse textuelle. Méthodes, exercices*. Paris: CEDIC, 1983.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Éléments de linguistique pour le texte littéraire*. Paris: Bordas, 1986.
- _____. *Elementos de Lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Linguistique pour le texte littéraire*. Paris: Nathan, 2003.
- _____. *Manuel de linguistique pour les textes littéraires*. Paris: A. Colin, 2010.
- MELLET, Sylvie. Réflexions énonciatives autour de *maintenant* argumentatif. In : VUILLAUME, Marcel (org.). *Ici et maintenant*. Amsterdam : Rodopi, 2008.
- PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. *Les grandes théories de la linguistique*. De la grammaire comparée à la pragmatique. Paris : A. Colin, 2003.
- _____. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- PETÖFI, J. S.; REISER, H. (orgs.). *Studies in Text Grammar*. Dordrecht: Reidel, 1973.
- PLETT, Heinrich F. *Textwissenschaft und Textanalyse : Semiotik, Linguistik, Rhetorik*. Heidelberg : Quelle & Meyer, UTB, 1975.
- RIEGEL, Martin; PELLAT, Jean-Christophe; RIOUL, Renée. *Grammaire méthodique du français*. Paris:PUF, 1994 ; 2009.
- RIFFATERRE, Michael. *La production du texte*. Paris: Seuil, 1979.
- _____. *A produção do texto*. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- SOUTET, Olivier. *Linguistique*. Paris: PUF, 1995 ; (coll. Quadrige) 2005.
- TITZMANN, Michael. *Strukturelle Textanalyse*. München : Fink, UTB, 1977.
- VARGA, Aaron Kibédi (org.). *Théorie de la littérature*. Paris : Picard, 1981.
- _____. *Teoria da Literatura*. Lisboa : Presença, 1981.
- WARNING, Rainer. "Pour une pragmatique du discours fictionnel," *Poétique*, no. 39, p. 321-337. sept. 1979.
- WEINRICH, Harald. "Textlinguistik : Zur Syntax des Artikels in der Deutschen Sprache". *Jahrbuch für Internationale Germanistik* 1, Berne/Frankfort, p. 61-74, 1969.
-

AUTOR

¹ **Jean-Michel ADAM, Doutor.**
Université de Lausanne (UNIL)
Jean-Michel.Adam@unil.ch